

## ***Argentina: a vitória de Milei e os impactos para o agronegócio*** ***Análises elaboradas com suporte de IA***

20 de novembro de 2023

### **Os desafios do presidente eleito**

A Argentina está há muito tempo presa em ciclos recorrentes de contrações econômicas profundas e destrutivas provocadas por políticas que forçam os governos a gastarem rotineiramente mais do que arrecadam através de impostos e outros rendimentos. O presidente eleito, Javier Milei, tomará posse com a tarefa de **reverter políticas de gastos insustentáveis** que esgotaram os cofres do governo e fizeram disparar a inflação e as taxas de juro. Sucessivos governos argentinos recorreram à impressão de dinheiro depois de terem esgotado outras opções de financiamento, tais como empréstimos de milhares de bilhões de dólares no exterior, e o país altamente endividado encontra-se agora isolado dos mercados financeiros globais. O quadro macro da Argentina está indiscutivelmente degradado.

O país recebeu mais de 20 programas de ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional (FMI) desde o final da década de 1950. Atualmente, deve ao fundo mais de US\$ 40 bilhões, o que o torna o **maior devedor do FMI**. A Argentina entrou em default da dívida soberana nove vezes na sua história, a mais recentemente em 2020. A Argentina luta para gerar dólares suficientes através das exportações e, à medida que a escassez de moeda estrangeira se intensifica, os argentinos não têm outra opção senão proteger as suas poupanças correndo para a segurança do dólar, causando **desvalorizações acentuadas do peso**. A Argentina tem hoje quase o mesmo PIB per capita (rendimento total dividido pela sua população) que tinha há 15 anos. A Argentina é a única grande economia da América Latina que não conseguiu controlar a inflação. Um mês de aumentos de preços equivale ao que outras economias da região reportam durante um ano inteiro.

A expectativa é que o país termine o ano com uma **inflação próxima de 200%**. Desde a virada do século, a maioria dos países da América Latina concederam

independência aos seus bancos centrais para que não se tornassem um instrumento de financiamento para governos baseados em programas econômicos expansivos, mas a Argentina não o fez. Os bancos centrais autônomos estabelecem metas de inflação específicas e ajustam a política para alcançar a estabilidade de preços. As máquinas de imprimir dinheiro do país têm sido usadas há muito tempo para apoiar os gastos do governo. O banco teve mais de 60 titulares, dos quais apenas 2 completaram um mandato. A despesa pública começou a expandir-se acentuadamente entre 2003 e 2015 sob dois ex-presidentes, Néstor Kirchner e sua esposa, Cristina Kirchner, representando 45% do PIB para pagar doações em dinheiro, alargar os benefícios das pensões e aumentar os subsídios. Este ano, o **déficit orçamentário do governo** deverá aumentar para 5,6% do PIB.

O grande problema da Argentina é a **disciplina fiscal**, agravada ainda mais porque o país já não tem acesso aos mercados de dívida. Os argentinos correm para a segurança do dólar norte-americano, já que o peso argentino é vulnerável a desvalorizações acentuadas. As severas restrições à compra de bens importados, à realização de pagamentos em dólares no estrangeiro e às constantes mudanças políticas também alimentaram a procura por moeda forte. Os residentes usam o peso para transações básicas, mas recorrem ao dólar para poupar, precificar imóveis e realizar transações imobiliárias – às vezes com pastas cheias de dólares. Os argentinos movimentam seu dinheiro para fora do país e abrem contas bancárias no exterior a uma taxa muito mais elevada do que em outros países.

Usando um motosserra como adereço, Milei fez campanha dizendo que as máquinas de imprimir dinheiro do banco central “deveriam ser explodidas”. O valor das importações e exportações da Argentina como percentagem do PIB está bem abaixo dos seus pares latino-americanos. Incapaz de gerar receitas de exportação ou de acessar os mercados internacionais, **o país exige mais dólares do que pode gerar**. A falta de concorrência com empresas estrangeiras confere às empresas locais, muitas vezes ineficientes, maior poder de fixação de preços, contribuindo para uma inflação mais elevada. A escassez de dólares é agravada pelas **taxas mais baixas de investimento estrangeiro** na região, apesar dos vastos recursos naturais do país. As restrições de capital impedem que as empresas estrangeiras repatriem lucros. Os importadores enfrentam obstáculos significativos no transporte de mercadorias, desde

peças de automóveis até pneus de ônibus e outros componentes industriais. Muitas empresas estrangeiras optaram por sair da Argentina, incluindo companhias aéreas que operam voos domésticos e redes de varejo. Outros tiveram de suspender as operações porque a falta de dólares inibe a sua capacidade de pagar fornecedores estrangeiros.

### **As metas e pretensões do novo presidente**

Javier Milei foi eleito o novo presidente da Argentina com uma vantagem histórica sobre o rival, o peronista Sergio Massa. Milei se autodefine como um “anarcocapitalista” e “libertário”, ou seja, a favor da completa liberdade, seja econômica ou moral - ainda que esta última com ressalvas. O termo resume as principais propostas do presidente eleito: **reduzir e muito a presença do Estado** na vida das pessoas, o que na prática lhes daria liberdade para escolher se utiliza peso ou dólar, para portar armas, casar-se com uma pessoa do mesmo sexo e até vender órgãos. Milei ganhou destaque pelas suas propostas no campo econômico. Em partes por ser ele próprio um economista de formação, mas principalmente porque é na economia que os argentinos mais sofrem atualmente.

Com uma inflação de mais de 140%, o poder de compra da população minguou. A pobreza hoje gira em torno dos 40%, sendo que entre as crianças esse número salta para 60%. Em meio ao desencanto da população, o libertário surgiu com propostas radicais: **dolarizar a economia e acabar com o Banco Central**. Foi utilizando termos econômicos para convencer de que acabar com o peso argentino é a bala de prata para a inflação galopante que Milei ganhou espaço em programas televisivos e se tornou um nome conhecido por ser contra a “casta política”. Em suas palavras, ele quer fazer o que nenhum outro político tradicional quis fazer por motivos puramente egoísticos. Um pensamento compartilhado por parte da população. Criticado por adversários e parte da imprensa argentina por “não apresentar propostas concretas”, Milei lançou em maio seu livro intitulado “El fin de la inflación” (O fim da inflação, em tradução livre).

Foram em suas 184 páginas do livro que ele explicou sua ideia de “dinamitar” o Banco Central. Segundo ele, a causa da alta inflação é simplesmente a contínua emissão de moedas pelo Banco Central, sendo assim, destruí-lo acabaria com o peso e, por consequência, com a inflação. Seu próximo passo seria a **dolarização**, inspirado no

ex-presidente Carlos Menem. Sua ideia é colocar o dólar, deste mesmo Banco Central que dinamitou, em circulação e torná-lo a moeda do mercado argentino. O problema é que o banco já praticamente não tem dólares, tendo inclusive limitado o saque da moeda entre os argentinos para evitar a fuga do dinheiro. Atualmente, diante da enorme dívida com o FMI, a Argentina cada vez mais tem reservas negativas de dólares no banco. Milei, porém, garante que encontrou a solução, segundo postou em suas redes sociais. Mas não explicou qual.

No campo político, o presidente eleito propõe **reduzir o número de ministérios** de 20 atualmente para apenas 8. No corte seriam incluídos os ministérios da Educação e da Saúde. Deixaria apenas os ministérios: da Economia, Justiça, Interior, Segurança, Defesa, Relações Exteriores, Infraestrutura e será criado o Ministério do Capital Humano. O Estado argentino é a principal causa do empobrecimento dos argentinos, segundo Milei, que garante que sua “primeira ação de governo será promover uma **reforma completa do Estado**”. Em sua concepção, o Estado serve apenas para garantir a Segurança e Justiça. Todo o resto é gasto desnecessário, segundo ele. Nessa reforma ele pretende cortar os gastos públicos e transformar serviços públicos em privados, incluindo Educação e Saúde.

Milei confirmou uma promessa de campanha ao anunciar a **privatização** dos meios de comunicação públicos do país, entre eles: TV Pública, Télam e Rádio Nacional. Ele considera que a TV Pública se tornou um mecanismo de propaganda. Segundo ele, esses veículos teriam se transformado em propaganda peronista e parte da campanha de medo promovida contra ele na campanha. Ele também confirmou a privatização da estatal de petróleo e gás YPF, que recentemente esteve no meio de uma crise de combustíveis no país. As privatizações são um projeto central de seu futuro governo, que visa reduzir o tamanho do Estado argentino, que atualmente consome 42% de seu PIB e com baixa taxa de eficiência. Áreas mais polêmicas, porém, ficaram de fora em um primeiro momento, como Saúde e Educação. Estudos mostram que os argentinos, embora estejam mais liberais, são contra a privatização dessas duas áreas.

A dúvida, porém, é se poderá de fato realizar essas privatizações, já que necessita do apoio do Congresso, onde não tem maioria. Neste sentido, as alianças que deve

construir, especialmente com o partido Proposta Republicana (PRO) de Mauricio Macri será essencial.

### **As dificuldades a serem enfrentadas pelo novo presidente**

Javier Milei, eleito presidente da Argentina, deverá pressionar por reformas tributária e trabalhista, bem como por cortes nos gastos fiscais. O principal mandato para a presidência será corrigir o rumo da economia. Milei assume com **níveis baixos sem precedentes de apoio no Congresso** e sem um único governador de seu partido. A aliança com o ex-presidente Mauricio Macri poderá ajudar, mas a força do apoio que Macri poderia trazer não está clara, após o racha em seu grupo, Juntos por el Cambio. Cabe destacar as dificuldades para o presidente eleito, com apoio pequeno no Congresso e a grupos à esquerda no Legislativo buscando limitar sua capacidade de realizar políticas.

Diante disso, a **incerteza e o risco elevado na economia** e nos mercados financeiros devem continuar a dominar. De qualquer forma, a eleição de Milei traz um fim a políticas econômicas do governo Alberto Fernández que levaram a inflação para mais de 140% ao ano, com caos econômico, controles de capital e importações, peso muito fraco, **taxas de juros altas e política fiscal relaxada**. O ajuste macro necessário significa que as condições na economia real devem piorar antes de melhorar. O aperto monetário e fiscal deve levar a economia de volta à recessão em um prazo muito curto. Vale destacar a proposta controversa de Milei de dolarizar a economia e fechar o Banco Central da República Argentina (BCRA).

Milei insiste que a dolarização não é negociável. Porém, ele não a mencionou em seu primeiro discurso e falou sobre consertar os problemas do banco central em seu segundo pronunciamento. Os próximos dias deverão dar mais clareza sobre como Milei pretende avançar em sua plataforma econômica. A proposta de dolarização não resolveria os desequilíbrios fiscais e monetários subjacentes, exigiria um nível de depreciação cambial elevado e poderia deteriorar as poupanças domésticas. Além disso, Milei terá que **renegociar o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)**, conforme as reservas internacionais do país diminuam. Do contrário, um default da Argentina seria provável em 2025.

Milei afirmou que o primeiro passo que pretende fazer, ao assumir o poder, é buscar uma reforma do Estado e **resolver o problema das Leliqs**, citando a sigla usada no país para as Letras de Liquidez, emitidas pelo Banco Central da República Argentina (BCRA). Milei diz que há diálogo para buscar uma engenharia financeira para atacar a questão das Leliqs, atualmente com preços muito baixos e retornos muito elevados. Ele insistiu na urgência de resolver essa questão e disse que, caso ela não seja solucionada, o país corre o risco de entrar em quadro de hiperinflação. Segundo ele, é importante consertar o quadro na Leliq para permitir que travas da economia sejam retiradas, apoiando uma retomada. Milei também disse que pretende manter sua promessa de ter um gabinete apenas com 8 ministros. Além disso, comentou que pretende viajar nos próximos dias aos Estados Unidos e a Israel, ainda antes da posse, no dia 10 de dezembro.

### **Mercosul e os acordos comerciais**

A eleição de Javier Milei à presidência da Argentina **poderá enfraquecer o Mercosul**, em função da menor coesão entre os países sul-americanos. Com isso, as negociações entre o bloco e a União Europeia poderão ficar ainda mais prejudicadas, em meio a um cenário já desafiador. Sem dúvida alguma, haverá a perspectiva de enfraquecimento do Mercosul. A perspectiva de **acordo entre Mercosul e União Europeia deve se tornar mais desafiadora** com a chegada de Milei à presidência da Argentina. A conclusão das tratativas, que já enfrentava resistência, deverá se tornar ainda mais complexa em função da menor unidade política entre os países sul-americanos.

Nesse novo contexto, o Mercosul tentará finalizar o acordo comercial com a União Europeia. A negociação que se arrasta há mais de vinte anos enfrenta resistências de ambos os lados e parece cada vez mais distante. Os governos europeus, pressionados pelo setor agrícola, cobram compromissos ambientais dos sul-americanos. O próprio governo Lula também já expressou suas reservas e tem dito que não abre mão das compras governamentais. O impasse é que, pelo acordo, prestadores estrangeiros de bens e serviços poderão participar de licitações públicas no Brasil. O governo, no entanto, considera que essas compras são uma ferramenta de fomento da

economia local e quer preservar o direito de priorizar os brasileiros. Sem isso, já disse Lula, “não tem acordo”.

Os europeus são muito protecionistas, especialmente no agronegócio, que é exatamente o forte de países como Argentina e Brasil. E essa demora para conclusão do acordo pode gerar um abandono. O Paraguai já sinalizou que se o negócio não for fechado ainda este ano, vai priorizar acordos bilaterais. E Milei poderá seguir essa perspectiva e não ficar insistindo no acordo com a União Europeia. Uma nova reunião entre Mercosul e Comissão Europeia está prevista para o mês que vem, quando o acordo entre os blocos voltará à pauta. Se não ocorrer em dezembro (quando está marcada reunião entre os blocos), as chances do acordo entre Mercosul e União Europeia de não ir para frente são grandes porque o próprio Mercosul perde força com o Milei. Já há em curso um movimento para acelerar o processo de aprovação do acordo entre Mercosul e União Europeia, inclusive partindo dos europeus.

A polêmica promessa de Milei, e criticada pelo agronegócio local, é a saída do Mercosul. A medida não deverá ir adiante, mas tem maior potencial prejudicial para a Argentina que para o Brasil. **O Brasil importa trigo e arroz da Argentina** e exporta um pouco de carne, sobre as quais não haveria isenção de tarifas. A Argentina perderia saindo do Mercosul porque o Brasil é uma reserva de mercado para os produtores argentinos. **Uma possível saída da Argentina do Mercosul não teria maiores impactos para o agronegócio brasileiro**, mas a retórica de Milei pode atrapalhar os esforços do Brasil para o fortalecimento do bloco. Economicamente, o Mercosul é viável para a indústria, porque a Argentina é um importante consumidor. Em questão geopolítica, enfraqueceria a relação dos países vizinhos, mas entradas e rupturas em acordos comerciais são negociações de longo prazo.

A relação comercial entre os agentes privados do Brasil e da Argentina é consolidada e tende a continuar. O trigo continuará sendo importado e o intercâmbio de máquinas e equipamentos agrícolas, hoje afetado pela economia argentina, também permanecerá. Embora Milei seja de direita e o governo brasileiro de esquerda, Milei não deverá atrapalhar o comércio bilateral. Atualmente, **a importação predomina na balança comercial do agronegócio entre Brasil e Argentina**. Em 2022, o Brasil desembolsou US\$ 4,249 bilhões com a internalização de produtos agropecuários argentinos, enquanto a



receita de exportação gerou US\$ 1,864 bilhão. A **importação é liderada pelo trigo** - da Argentina vêm 80% do cereal utilizado pela indústria moageira -, enquanto a exportação foi impulsionada pelos produtos florestais, sobretudo papel.

O agronegócio local não concorda com eventual **rompimento com a China** e saída da Argentina do Mercosul – prometidas por Milei. O agronegócio argentino entende que seria um retrocesso retirar-se do Mercosul e, também, que a relação com a China é fundamental. É o **principal comprador de carne da Argentina e hoje responde por 70% das exportações**, portanto, é essencial para a Argentina. É pouco provável um eventual rompimento da Argentina com a China, prometido por Milei. Caso ela viesse ocorrer poderia abrir espaço para maior fluxo comercial sino-brasileiro, de farelo de soja e carnes. **A China é o segundo maior parceiro comercial da Argentina, atrás apenas do Brasil**. Mas não se acredita nisso porque um país em crise em última instância pensa em romper relação comercial forte. Se realmente romperem, apesar de que dependem das compras da China, abre mais mercado para o processamento brasileiro. A China é relevante comprador de farelo de soja argentino. Em contrapartida, um possível rompimento da Argentina com a China poderia beneficiar a indústria brasileira.

### **Os impactos esperados no agronegócio global e brasileiro**

No agronegócio, **Brasil e Argentina são competidores globais** e disputam espaço na exportação de grãos e de carnes. Ambos estão entre os **cinco maiores produtores de soja, milho e carne bovina do mundo**. A exceção é o trigo, do qual o Brasil depende da Argentina para abastecimento doméstico e tem no vizinho seu principal fornecedor. Não se espera grandes mudanças na relação econômica entre os países. Neste sentido, as medidas implantadas para estímulo do agronegócio argentino podem acirrar a competitividade entre os produtos locais e brasileiros no mercado externo. O efeito, contudo, deverá ser observado nos médio e longo prazos. Esse estímulo ao setor produtivo argentino poderia vir por meio da eventual **dolarização da economia** e do **fim das taxações sobre as exportações**, as chamadas retenções, ambas promessas de Milei. Atualmente, tanto a volatilidade e interferência cambial quanto os impostos sobre as exportações prejudicam o aumento dos embarques argentinos.



Deverá haver uma implantação lenta das mudanças dada a economia deteriorada do país e a elevada competitividade dos produtos do Brasil. Um aumento de exportações argentinas viria **somente na próxima safra**, ou seja, a partir de março/abril de 2024. O fim dos impostos poderia levar a uma comercialização mais rápida da safra pelos produtores e pressionar os preços na colheita. A sustentada demanda mundial por **soja** – principal produto em que os países competem – minimizaria os eventuais reflexos dessa maior competição. Se, eventualmente, a Argentina conseguir suplantiar as barreiras que possui hoje e voltar a uma condição de competitividade global, com o grande potencial produtivo que possui poderia voltar a uma concorrência mais forte, mas a questão é se conseguirá voltar a produzir alimentos a baixo custo para se tornar competidor relevante, como já foi no passado.

Javier Milei, quando candidato, fez promessas de dolarização da economia, **fim da taxaço sobre as exportações** agropecuárias, as chamadas retenções (retenções), **remoção de cotas e tarifas no comércio** internacional, **eliminação das tarifas de importação de insumos** e **revogação da lei de terras** permitindo compra por estrangeiros. A incerteza com o câmbio e futuro político do país levou os produtores a se retraírem nos últimos anos. A **produção e exportação de grãos argentinos poderão crescer** se políticas públicas de estímulo ao agronegócio forem implementadas pelo novo governo. Tudo vai depender da política que será implementada no agronegócio. A entrada de divisas no país vem das exportações de grãos. Portanto, deverá haver uma política que incentiva maior competitividade do produtor argentino a participar no mercado global.

O agronegócio argentino reforçou os pleitos ao presidente eleito. O setor quer uma política menos intervencionista, o fim das taxaço sobre as exportações agrícolas e a adoção de um câmbio único. O setor pede políticas que gerem confiança e investimento e afirma que não precisa de mais subsídios, segundo a Confederação Rural Argentina (CRA). Um dos principais players agrícolas globais e entre os cinco maiores produtores de soja, milho e carne bovina do mundo, o agronegócio argentino enfrenta há décadas os efeitos da deterioração econômica do país que vão do desestímulo ao plantio de grãos à perda de competitividade dos produtos no mercado externo. Nesta conjuntura, os pedidos do setor produtivo local são: uma política menos intervencionista, a adoção de um câmbio único e o fim das retenções – implantadas

entre idas e vindas desde 2002 e atualmente em 33% sobre soja em grão, 12% sobre milho e trigo e 9% sobre carne bovina.

Os produtores apresentaram mais de 14 propostas aos candidatos, mas as **prioridades são: o fim das retenções, a unificação do câmbio e a liberação de cotas e estoques para exportações**. Estas três medidas gerariam confiança e crescimento. São a base para o início de um novo caminho, mostrando uma mudança para o crescimento do setor agropecuário. Para a CRA, será essencial a unificação do câmbio e o fim das retenções. A CRA considera a dolarização da economia, prometida por Milei, difícil de ser concretizada em virtude da falta de dólares no país. Se o câmbio for unificado, sem dúvida estimularia as exportações, geraria um clima de confiança com maior investimento e crescimento, que é o que o país precisa hoje.

Sobre os impostos aplicados nas exportações, a CRA pede que as retenções sejam reduzidas e banidas o mais rapidamente possível. Há muito tempo, a eliminação das retenções é pedida pelo campo, o que claramente melhoraria a rentabilidade e, também, estimularia a produção. A CRA quer liberdade de exportação, sem cotas, e que não haja intervenção na rentabilidade do produtor. A Câmara de Exportadores da República Argentina (Cera) reitera os pleitos por livre mercado, menor controle cambial e fim dos limites de exportação. A entidade apresentou, juntamente com o Conselho Agroindustrial Argentino (CAA), o "Plano Agroindustrial Federal 2023-2033" e "Estratégia Nacional Exportadora" às equipes técnicas dos candidatos. Um dos principais eixos do plano é a adoção de uma política de Estado exportador ao longo de dez anos, considerada como base para o crescimento do país.

Segundo esse documento, a **Argentina poderia aumentar as exportações do agronegócio para US\$ 156,8 bilhões**, elevando a participação do país nas vendas globais de 0,35% em 2022 para 0,65% em 2030. No plano, as entidades pedem a "eliminação de todas as cotas, restrições quantitativas e qualquer medida que limite as exportações" e o desenvolvimento de "uma estratégia de Estado de inserção internacional estável, contemplando o fortalecimento e a modernização do Mercosul, eliminando medidas distorcivas e restrições ao comércio intrazona, promovendo cadeias de valor regionais e relançando uma estratégia agressiva e mais dinâmica para

negociar acordos comerciais com outros blocos e países". As exportações agroindustriais caíram 34% desde 2022.

As medidas defendidas pelas entidades incluem o lançamento de um programa para eliminar as retenções e tirar do Poder Executivo a possibilidade de estabelecer taxações sobre as exportações. As propostas de livre mercado do candidato libertário têm apoio do setor rural. Nas primárias, Milei obteve votação expressiva em províncias de destaque na produção agropecuária, como La Pampa, Santa Fe, Salto e Entre Rios. A dolarização da economia, o fim dos impostos sobre insumos importados e a eliminação das retenções prometidas por Milei poderiam beneficiar o agronegócio argentino e estimular as exportações. É muito difícil implantar a dolarização porque não há disponibilidade de reservas cambiais no País. Hoje, a manipulação do dólar e as taxas sobre exportações atrapalham os produtores argentinos.

Em tese, a dolarização poderia estimular as vendas externas, caso a produção seja positiva, já que produtores não precisariam segurar os estoques de produtos agrícolas para proteção cambial, mas é complicada de ser viabilizada. A eleição de Milei poderá trazer menor intervenção na questão cambial. No sentido mais liberal, **o menor controle cambial poderia beneficiar o agronegócio argentino** em termos de recuperar a competitividade e aumento das exportações, mas não será automático. As retenções são utilizadas para o financiamento do governo e seu fim exigirá uma reforma fiscal forte e o equilíbrio das contas públicas em meio ao elevado déficit fiscal argentino. Milei promete a redução gradativa e fim dos impostos em até dois anos, o que poderá esbarrar na crise fiscal do país, porque a eliminação dos impostos sobre exportações do agronegócio significaria lançar mão de arrecadação pelo Estado.

Dados compilados pelo Insper Agro Global mostram queda contínua no volume exportado do complexo de soja argentino desde a taxação sobre os embarques, o que se intensificou nos últimos anos. Em 2019, as vendas externas da cadeia de soja do país somaram 42,2 milhões de toneladas, o que caiu para 33,0 milhões de toneladas em 2020 e 26,3 milhões de toneladas em 2021. As retenções prejudicam a remuneração do setor e desestimulam o investimento em expansão. Um eventual **efeito dos impostos zerados ou reduzidos sobre as exportações poderia ser observado a partir da próxima safra**, a partir de março/abril de 2024, considerando que as condições climáticas

deverão favorecer o aumento da produção. A CRA reivindica também do novo governo a recriação do Ministério da Agricultura, que foi transformado em Secretaria de Agricultura, Pecuária e Pesca na gestão de Alberto Fernández.

**Fontes consultadas:**

Broadcast Agro  
Bloomberg  
Agência Reuters  
Washington Post  
AFP

**Autor: Carlos Cogo**

*Pós-Graduação em Agronegócios pela Universidade Federal do PR (UFPR)*  
*Especialização em Análise de Mercados pela UFPR*  
*Colunista e Comentarista do CANAL RURAL e do CANAL DO CRIADOR*  
*Professor convidado da Fundação Dom Cabral em Gestão em Agronegócios*  
*Professor Convidado na Escola de Negócios da ATITUS*  
*Sócio-Diretor de Consultoria da Cogo Inteligência em Agronegócio*  
[www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)